

JORNAL DO BRASIL

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Perdido nas palavras

O desempenho do presidente Fernando Henrique Cardoso, desde o trambolhão da última pesquisa que o condecora com o crachá de recordista nacional de impopularidade, com índice de 65% de rejeição, está passando para o país a sensação contraditória, que mistura, no mesmo pote rachado, o reconhecimento do seu esforço para reverter o quadro adverso com a afilítica impressão de um naufrago a debater-se na água rasa, sem conseguir fincar os pés no fundo da indecisão.

Na patética perturbação do desespero, o expositor fluente, com currículo enriquecido pela freqüência às tribunas ilustres da vivência parlamentar e pelas universidades do mundo, produziu três discursos em seqüência desastrada. Abriu a semana afinado pela clave da indignação, cobrando asperamente do Congresso pressa na votação das reformas encalhadas pelas hesitações da sua fragmentada maioria parlamentar; arrepiou carneira no dia seguinte e bateu no peito o pedido de desculpas na confissão do erro: "Errei. Por que não? Avancei demais. Disse uma palavra mal posta"; e piorou o soneto com a emenda do morde-e-assopra, que vai-não-vai no balanço, engrossando a voz para fingir zanga e a afirmação da autoridade.

No ziguezague do fluxo desatado de loquacidade, empilham-se erros na tentativa de correção atabalhoadas de velhos e novos equívocos. Ora, presidente não pode fazer três discursos em três dias seguidos sobre o mesmo assunto. Deve ser o primeiro caso de discurso com corrigenda, no velho recurso do pós-escrito que se acrescenta às cartas para o recado que escapou na composição do texto.

Certamente que não é o caso de insistir na análise das contradições do disse-não-disse; desdisse; disse o que foi dito. Muito mais grave é a exposição pública da alma atormentada que se agarra à bôia de fanados truques que não estão dando certo.

Ou o presidente está sendo mal aconselhado pelos assessores a usar e abusar dos seus dotes de comunicador, não perdendo nenhuma oportunidade de deitar o verbo para envolver os milhões de frustrados com a sedução do gogó privilegiado, ou confia demasiadamente na lábia melosa que garantiu duas eleições. Em qualquer das hipóteses ou na salada das duas, denuncia-se o distanciamento da realidade e falhas na autocrítica.

Reconheça-se que ele tem todos os motivos para exasperar-se com a nuvem negra que baixou sobre o governo e que necessita sair da entaladela que ameaça degenerar em crise institucional.

Mas, não é por aí. O lançamento do Plano Plurianual, em promoção de arromba no Palácio do Planalto, não comove nem roça na pele da sociedade. São promessas, planos a médio e longo prazo, com um extenso caminho de obstáculos a superar. Na medida em que assanhe expectativas, excita cobranças.

No fundo de fundo, sinais de desmonte da base parlamentar recomendam conter a língua para não morrer pela boca, como os peixinhos do mar.

A cada capítulo da novela da reeleição, repetem-se os episódios que desvendam a trama urdida pelos aliados para o salve-se quem-puder no futuro que o desgaste do governo precipita.

Quem está no barco oficial rema de acordo com os seus interesses. A sorte do governo importa na medida em que a impopularidade afeta a todos, como praga sem vacina conhecida. Esgarçou-se a solidariedade da crença no destino comum. Cada partido monta seus esquemas; cada ambição busca ocupar o espaço vazio. Como não há projeto conhecido de candidato natural de consenso governista, escancaram-se as porteiras para o estouro inevitável.

E o governo perde-se em jogadas mirabolantes e não consegue enxergar o que está ao alcance das mãos. O presidente esgoela-se em discursos que o povo não ouve e não encontra vaga na agenda lotada de futilidades para visitar, de surpresa, as áreas carentes de atenção e do estímulo da sua presença. Como as regiões do Nordeste castigadas pela seca ou a Amazônia e Mato Grosso que ardoram em incêndios que a chuva está apagando, deixando o horror da destruição de reservas florestais e de parte do Pantanal.

Desafio para governo em baixa cotação propõe-se no relatório do Banco Mundial (Bird), passando recibo no óbvio: aumenta a pobreza no mundo e a diferença entre ricos e pobres.

Ao reconhecer o próprio fracasso, o Bird toca na nossa ferida. O presidente do Instituto de Pesquisas Aplicadas (Ipea), Roberto Martins, cunhou a frase perfeita: "O Brasil é virgem em tentativa para a transferência de renda, reduzindo as desigualdades sociais".